

No ano 520 do calendário que assinalo desde minha maioridade, escrevo-lhe, Plendor, para narrar um episódio que me foi confiado durante minhas andanças pelos confins gelados de Laekage — continente de vastas florestas, montanhas rigorosas e clima cortante, onde o homem, ainda recente no domínio dessas terras, trava sua luta cotidiana contra os elementos e contra si mesmo.

Laekage é um lugar onde o verão se anuncia tímido e efêmero, um breve intervalo em que o sol raspa a pele com um calor brando e as árvores retomam, por instantes, seu verde discreto. A floresta, porém, permanece uma presença constante e imponente, um mar de coníferas densas e árvores retorcidas que sussurram segredos antigos aos ventos cortantes. É nesse cenário de beleza austera e severa que se moldam os destinos dos homens que ali vivem.

As aldeias, poucas e dispersas, erguidas às margens da floresta ou nas clareiras protegidas pelos morros, são compostas por casas robustas, feitas de madeira e pedra, cujos telhados inclinados suportam com dificuldade o peso das neves longas e persistentes. Os habitantes se vestem com peles e lanas grossas, e seus rostos carregam as marcas do frio e do esforço, esculpidos pela vida dura que escolhem ou a que foram destinados.

Foi nesse ambiente — onde a realidade se impõe com severidade e a natureza nunca cede um passo sem cobrar seu preço — que conheci Alissa, uma jovem humana de dezesseis anos, nascida numa casa antiga e respeitada da vila de Haldeim. Ela não era, a princípio, diferente das outras moças de sua condição, dotada de uma graça delicada e das maneiras ensinadas pelo sangue e pela tradição. Contudo, havia nela algo que transcende a educação e a nobreza: um senso implacável de justiça e uma coragem que muitos homens maduros não possuem.

É dessa jovem e de um acontecimento que carrega o verdadeiro significado da coragem que desejo falar-lhe, Plendor. Não como um conto adornado para entreter, mas como um testemunho firme do valor que habita no coração daqueles que escolhem agir, mesmo quando a razão os exorta a recuar.

A vila de Haldeim repousava ao sopé de montanhas cobertas por mantos de neve perenes, cercada por uma floresta que parecia viva em sua vastidão e silêncio. As casas, construídas com madeira escurecida pelo tempo, alinhavam-se ao longo de ruas de terra batida, onde o inverno moldava o cotidiano dos moradores com sua rigidez. O calor do fogo nas lareiras era o pulso que mantinha a vida pulsante nas noites longas e implacáveis.

Alissa cresceu nesse ambiente rigoroso, filha única de Lorde Kaelen e Lady Merina, figuras de prestígio na comunidade. Desde cedo, ela fora educada para honrar o nome da família, aprender as letras, a história do continente e a arte da diplomacia. Contudo, não era a fidalguia o que mais marcava sua alma, mas sim a justiça – um valor que ela percebia não apenas como ideal abstrato, mas como ação concreta que modelava o destino daqueles que a cercavam.

Sua natureza gentil era temperada por uma firmeza invulgar. Observava os servos e crianças da vila com olhar cuidadoso, mostrando compaixão para com os mais frágeis e injustiçados. Era comum vê-la caminhar entre as ruas da vila, ajudando uma velha com a lenha ou ouvindo as queixas dos aldeões com atenção e seriedade.

Naquele verão, breve e frágil como um sopro, Alissa dedicava seus dias a aprender os rudimentos da estratégia militar e do manejo da espada, aulas que seu pai insistia serem necessárias, pois Laekage não era lugar para indulgência ou descuidos. Embora seu corpo fosse jovem, seu espírito já sabia que o mundo ali exigia prontidão para enfrentar ameaças, internas e externas.

Foi durante uma dessas tardes de treino, enquanto o sol se aproximava do horizonte tingindo o céu com tons opacos de laranja, que o incidente que narro teve início. A vila, apesar de seu aparente isolamento, jamais estava livre dos perigos que rondavam as florestas — e foi precisamente desses perigos que a coragem de Alissa viria a ser testada.

Eiran era uma criança da vila, de sete anos, cujo espírito inquieto e curioso

parecia desafiar os limites que a vida em Haldeim impunha. Filho de um dos servos da família de Alissa, era conhecido por sua disposição alegre, mas também pela tendência a se aventurar além do que os adultos julgavam seguro. Naquela tarde, como tantas outras, seus passos o levaram à orla da floresta, onde o mundo se abria em mistérios e possibilidades que sua imaginação ainda mal podia compreender.

Enquanto a luz do sol declinava, Eiran se afastou sem que ninguém percebesse, atraído pelos sons dos pássaros e o movimento das sombras entre as árvores. O bosque, ao contrário da vila, guardava perigos que a inocência da infância não sabia prever. Aquele era um mundo de instintos selvagens, de presas e predadores, de um ciclo brutal que mantinha o equilíbrio da vida naquele continente frio.

Alissa, que estava próxima, logo percebeu o desaparecimento do menino. A inquietação tomou conta de seu peito — ela conhecia os relatos das ameaças que rondavam a floresta, especialmente os lobos, cuja inteligência e ferocidade eram temidas mesmo pelos mais experientes caçadores da região. O medo não paralisou, contudo, sua decisão; movida por um senso de justiça e proteção, ela avançou sem hesitar em direção à floresta, ciente de que cada minuto contava.

O ar gelado parecia se fechar ao seu redor enquanto ela adentrava o bosque, os galhos secos estalando sob seus pés, a penumbra crescendo a cada passo. Seus sentidos aguçados buscavam qualquer sinal — o som de um choro, um movimento fora do lugar, um rastro deixado inadvertidamente pela criança. O silêncio era denso, quase palpável, e cada instante era marcado pelo temor crescente do que poderia encontrar.

Foi então que o primeiro uivo cortou o ar, profundo e ameaçador. Outros se seguiram, formando um coro sinistro que parecia emergir das sombras mais densas. Os lobos estavam próximos, e o confronto que Alissa sabia inevitável anunciava-se não como um teste, mas como uma prova que definiria a sua coragem.

Ao dobrar uma curva estreita entre os troncos e musgos gelados, Alissa avistou Eiran encurralado contra um velho carvalho. O menino tremia, os olhos dilatados pelo medo e a respiração rápida que traía o pânico interno. À sua volta, cinco lobos de porte imponente moviam-se com uma precisão calculada, seus corpos tensos e olhos fixos na presa indefesa.

Alissa sentiu o peso do instante. Sabia que hesitar significava condenar o menino, mas avançar implicava enfrentar o predador mais letal da região. O frio cortante parecia diluir-se diante da urgência daquele momento, e o instinto falou mais alto que o medo.

Com voz firme, ergueu os braços e ordenou, em tom autoritário, que os lobos desviassem a atenção para si. O primeiro deles, um animal de olhos amarelos e focinho saliente, avançou com rapidez. Alissa recuou lentamente, mantendo-se entre a criança e os atacantes, cada passo calculado para não perder o equilíbrio sobre o solo irregular.

A luta que se seguiu foi intensa e breve. Os lobos, ágeis e ferozes, atacavam em coordenação, tentando usar a velocidade e o número para subjugar a jovem. Ela respondia com movimentos decididos, desviando e empurrando quando possível, usando o pouco que aprendera em seus treinos para resistir ao ataque.

Um dos lobos conseguiu um arranhão profundo no braço esquerdo de Alissa, a lâmina das garras cortando a pele e rasgando a carne, trazendo um ardor quente que contrastava com o frio do ar. Mesmo ferida, ela não cedeu. A determinação em seus olhos era um fogo que parecia desafiar o próprio destino.

Em meio ao tumulto, o som distante de disparos ecoou pela floresta. Era o caçador Jorin, aliado da vila, que surgia como um espectro da salvação. Seus tiros certos fizeram os lobos recuarem, dispersando-os pela mata espessa.

Alissa, exausta e ferida, segurou Eiran com força, garantindo sua proteção. O menino, embora assustado, estava ileso, e a vila de Haldeim pôde respirar aliviada diante do retorno da dupla.

Ao retornar à vila, Alissa foi imediatamente conduzida à humilde enfermaria da casa de sua família, onde as feridas do braço foram cuidadosamente lavadas e tratadas. A dor física era intensa, mas não tão profunda quanto o cansaço que agora dominava seu corpo jovem e vigoroso. Em meio à quietude daquele aposento, cercada por tecidos limpos e o aroma forte de ervas medicinais, ela repousava sob olhares preocupados, enquanto seu espírito ainda carregava o peso do confronto.

Eiran, embora ainda abalado, permaneceu ao seu lado, um lembrete vivo daquilo que motivara sua coragem. A criança, simples e inocente, simbolizava a fragilidade que muitos preferem ignorar, mas que exige daqueles que possuem responsabilidade a decisão de agir mesmo diante do medo.

Recordo-me, Plendor, do momento em que ouvi essa história — contada por um dos poucos sobreviventes daquela época, um caçador e amigo da família que cruzou meu caminho nas trilhas geladas. Ele falou-me não só das feridas visíveis, mas sobretudo da coragem silenciosa de Alissa, um tipo de valentia que não se anuncia em bravatas, mas se firma na convicção tranquila de proteger aquilo que é justo.